

## Literatura e televisão Graciliano Ramos

Pedro Pires Bessa

Universidade Estadual de Minas Gerais Campus de Divinópolis

As relações da literatura com o cinema foram muito estudadas. Ettiënne Fuzellier, (1964), analisa a presença dos gêneros literários no cinema; também questões típicas como adaptação e presença de ideais de escolas literárias na tela. Mostra, praticamente, como vários textos literários tornaram-se cinema. Assis Brasil, (1967), enfoca vários tópicos desse confronto do cinema com a literatura, sendo muito curioso o capítulo sobre “Os escritores de Hollywood”, (BRASIL, 1967, p. 91-93). Heloísa Buarque de Holanda, (1978), e Randal Johnson, (1982), estudam o fenômeno *Macunaíma*, na literatura e no cinema. A relação da literatura com a televisão ainda é pouco estudada, só recentemente a Academia descobriu que esse fato existe e merece ser analisado. Pedro Pires Bessa mostra a presença da televisão em toda a obra de um autor, Ignácio de Loyola Brandão, (BESSA, 1988), e em um romance da venezuelana, Cristina Policastro, *Mujeres de un solo zarcillo*, (BESSA, 2000). Anna Maria Balogh (1996) reflete, teoricamente, sobre as relações da literatura com o cinema e a televisão, buscando as transmutações fílmicas em *Vidas Secas* e as transmutações televisuais em *Grande Sertão Veredas*. A relação da literatura e televisão está subjacente em todo o livro de Heloísa Dupas Penteadó, *Televisão e Escola*, (1991), em que ela defende a tese de que, para alunos marcadamente televidentes, deve-se criar uma pedagogia televisiva. Ela diz:

Escola e TV são assuntos paralelos, cruzam-se e sobrepõem-se nos sujeitos sócio-históricos que compõem o grupo social escola. Os sujeitos da escola são telespectadores de muitas horas diárias, que computadas ao longo dos anos de vida indicarão entre os discentes de escolaridade inicial (de 1º grau) maior tempo de exposição à TV do que envolvidos com atividades escolares (aulas e estudos). Apenas esse fato já seria suficiente para trazer a TV e seu processo às considerações da escola. Somam-se a ele outros não menos significativos: os alunos gostam de ver TV, vêem-na com prazer e aprendem pela TV. (DUPAS, 1991, p. 97).

Eliana Nagamini (2004) estuda a relação da literatura com a televisão e a escola, através das adaptações. Primeiramente, analisa, com detalhes, a adaptação do romance *Memórias de um Sargento de Milícias*. A seguir, enfoca a adaptação de três contos: O comprador de fazendas, A sonata, A coleira do cão. Também a adaptação da peça teatral, *Os mistérios do sexo*, é comentada. A autora estuda ainda a adaptação da crônica, História do passarinho; do romance, *A bagaceira*; da poesia, *Lira paulistana*. A obra encerra-se

mostrando como se realizou a adaptação do conto e peça teatral, História do Carnaval; e de adaptações de peças teatrais e romances para macrosséries e minisséries.

Graciliano Ramos é um dos mais importantes escritores da Literatura Brasileira, com livros imortais, entre outros, *Vidas Secas*, (RAMOS, 1979); *São Bernardo*, (RAMOS, 1978); *Infância*, (RAMOS, 1974). São inúmeras também as edições críticas sobre o autor e sua obra, entre tantas outras, a de Cláudio Leitão (2003).

A finalidade desse nosso trabalho é analisar como uma das histórias de *Alexandre e Outras Histórias*, o conto A Terra dos Meninos Pelados (RAMOS, 1998), relaciona-se com o seu homônimo, um Especial de Televisão (A TERRA, 2004).

O Especial de Televisão conservou a essência do conto: uma narração mostrando como o diferente é difícil de ser aceito pelas pessoas que se julgam dentro da normalidade. A mensagem de ambas as criações foi a mesma.

O conto centra-se na aventura fantástica de Raimundo em Tatipirum. Inicia-se anunciando que “havia um menino diferente dos outros meninos: tinha o olho direito preto, o esquerdo azul e a cabeça pelada” (RAMOS, 1998, p. 104). Em seguida, sucintamente e sem detalhes, mostra a problemática enfrentada por Raimundo por ser diferente: todos zombavam dele e o discriminavam. Já na primeira página do conto anota-se que Raimundo era muito só. “Conversava sozinho e desenhava na calçada coisas maravilhosas do país de Tatipirum, onde não há cabelos e as pessoas têm um olho preto e outro azul” (RAMOS, 1998, p. 104). Há gracejos do moleque do tabuleiro, do italianinho da esquina e Raimundo já entra na terra encantada, “sentiu uma grande surpresa ao notar que Tatipirum ficava ali perto da casa” (RAMOS 1998, p. 105).

O Especial de Televisão investe muito mais na introdução da história fantástica de Raimundo. Inicia-se, em um país, numa cidade, onde um menino tinha um olho azul e o outro preto sem um fio de cabelo, sendo zombado por essa diferença pelos outros garotos. Raimundo chega a gostar disso e passa a assinar nas paredes: “Dr Raimundo Pelado”. Há uma escola com um bando de alunos a criticar o colega especial. O professor fala que a cabeça de cada um deles é diferente. Todos os instrumentos devem estar afiados e sintonizados para que haja boa música. Um canto sobre o assunto, com as notas musicais voando pelo espaço, mostra que cada nota, cada som, cada instrumento, no seu devido lugar, formam a beleza da música. Todos dançam embalados pela magia musical. Esse e outros musicais vão ser uma novidade do especial de televisão em relação ao conto e darão grande leveza e atualidade à criação televisiva.

A aula termina. Os alunos saem dando coques na cabeça de Raimundo. Ele pára e está conversando com uma menina, quando é trombado de propósito pelos outros meninos e seus cadernos caem no chão.

Apresentam-se, dão os nomes, ele Raimundo, ela Clara. Raimundo diz que tem um esconderijo secreto, leva a namoradinha para conhecê-lo. É no alto da caixa d'água, daí vêem toda a cidade de Quadrangular. Clara diz que havia viajado muito por vários países. Um novo canto soa na tela.

Clara passeia de trem por vários lugares conhecidos do mundo, com vestimenta típica desses lugares e apresentando também a culinária de cada uma dessas regiões. As imagens, os sons e as palavras integram-se maravilhosamente. Clara comenta com Raimundo que os esquimós cumprimentam-se roçando os narizes. Eles voltam para a praça. Os meninos zombam dele, Clara critica os meninos por essa malvadeza.

Aparece uma moto incrementada dirigida pelo tio inventor de Raimundo, Benjamim, que fala com o sobrinho que não fique triste porque os outros meninos têm inveja dele que é inventivo e artista. Benjamim apresenta suas últimas invenções, uma delas é a torravisão: torradeira e televisão com acesso à Internet. Faz Raimundo ver que o povo brasileiro é produto da mistura de portugueses com índios e negros. Dá ao sobrinho, de presente, uma luneta.

Raimundo, conversando com seu gato, desenha um mapa e vai mostrá-lo a Clara. Chega à escola com seu mapa e encontra um mágico dizendo que a magia está em todo o lugar.

Na sala de aula, a professora fala sobre o Rio São Francisco, enquanto os alunos tomam o mapa de Raimundo e vão fazendo-o passar de mão em mão para desespero do pelado. Devolvem-no, finalmente, amassado e com a inscrição: “maluco”. Raimundo, triste, pega o mapa, uma rajada de vento arrebatá-o de suas mãos e leva-o para a rua, Raimundo corre atrás de seu mapa levado pelo vento até chegar à fantástica Tatipirum, que ele havia desenhado.

Como se vê são muito grandes os acréscimos feitos pelo Especial de Televisão em relação ao início do conto, inclusive o aparecimento de Clara que não existe na obra literária.

Essas mudanças iniciais atualizam o conto, fazem-no participar da vida de nossos dias e, sobretudo, procuram adequar a criação literária à linguagem visual da televisão, a que os telespectadores estão acostumados a assistir.

Em Tatipirum, o Especial de Televisão procurará visualizar o que se encontra no conto. Há o contato, primeiramente, com o carro que fala e que não atropela ninguém. Logo

depois, o menino topa com uma laranjeira sem espinhos, que também fala. Em Tatipirum, Raimundo começa a entrar em contato com o diferente e estranha toda essa diversidade.

Em seguida, em ambas as obras, haverá o encontro com as cigarras. O Especial de Televisão coloca elementos para destacar o aspecto visual, apesar de ficar muito perto do texto literário, quando ambos mostram, de maneira muito acentuada, o canto das cigarras ligado a discos enormes. Nesse momento, o canto do Especial de Televisão está também no conto.

A obra literária fala, a seguir, do encontro de Raimundo com as aranhas.

Esse episódio ocorrerá um pouco adiante no Especial de Televisão, que mostra, acrescentando ao conto, Raimundo adormecendo após o canto das cigarras e acordando rodeado pelos meninos pelados do lugar.

Conto e Especial voltam a convergir com Raimundo observando que todos os meninos eram como ele: “absolutamente calvos na cabeça, com um olho preto e outro azul” (RAMOS, 1998, p. 109), e travam uma conversa, Raimundo perguntando que lugar era aquele e inventando que vinha de uma cidade chamada Cambacará. Falam também sobre Caralâmpia. O Especial de Televisão acrescenta a essas conversas informações de Raimundo sobre seu tio Benjamim e sua namoradina, Clara.

Ambos falam agora da chegada de Raimundo ao rio de Sete Cabeças. No conto, há a conversa de Raimundo com o tronco; no Especial, o menino dialoga com a rã, que no conto aparecerá um pouco adiante.

Tanto no conto como no Especial, Raimundo encontra-se com a aranha vermelha e seu ateliê, onde vai receber e vestir roupas feitas pelas aranhas. O Especial faz Raimundo descobrir a aranha vermelha pela luneta, que ganhou do tio Benjamim; no conto é o tronco que lhe apresenta a “amiga velha que me visita sempre” (RAMOS, 1998, p. 11).

No Especial, Raimundo fala com a rã que ele inventou Cambacará, a rã diz que se ele inventou existe sim. Isso ocorre também no conto, mas na obra literária houve antes um fato que não aparece no Especial: a conversa com o pardal sobre teatro.

Em ambas as obras, há discussão sobre os nomes, quando desejam trocar o nome de Raimundo. No Especial há um belo canto sobre nomes, em que “O vasto mundo” e o “E agora, José?” de Drummond se fazem presentes.

A descrição de Caralâmpia, como ela se tornou princesa, seu desaparecimento e a procura por ela aparecem tanto no conto como no Especial. A referência de Raimundo a uma menina que se parecia com Caralâmpia, sua namoradina Clara, existe somente no Especial.

A pergunta de Raimundo pelo sol, pela noite, pelas casas, que não existem em Tatipirum, estão no Especial e no conto, causam em ambos estranheza em Raimundo, “Que lugar! Não faz calor nem frio, não há noite, não chove, os paus conversam. Isso é o fim do mundo” (RAMOS, 1998, p. 118).

O menino sardento que se julgava diferente e que tinha o seguinte projeto: “podíamos obrigar toda a gente a ter manchas no rosto” (RAMOS, 1998, p. 118) sente-se rejeitado. Isso está em ambas as criações.

Tanto no conto como no Especial há o reaparecimento de Caralâmpia “no meio do bando, vestida numa túnica azulada cor das nuvens do céu, coroada de rosas, um broche de vaga-lume no peito, pulseiras de cobras de coral” (RAMOS, 1998, p. 123). Raimundo espanta-se sobretudo com a cobra, mas fica sabendo que em Tatipirum as cobras não mordem.

Há no Especial um belo canto apresentando os personagens que apareceram antes, com desenhos ilustrativos dos mesmos. O tema desse canto são as contradições que se encaixam.

A conversa com Caralâmpia aparece nas duas criações, Raimundo fala no seu desejo de mudar-se para Tatipirum e trazer seu gato; no Especial quer trazer também Clara. Na criação televisual, Caralâmpia e os meninos vão mostrar Tatipirum para Raimundo montados em balões.

Em ambas as obras, Caralâmpia conta que esteve em uma terra diferente: “As árvores crescem com as folhas para baixo e as raízes para cima. As aranhas são do tamanho de gente, e as pessoas do tamanho das aranhas. /.../ Os guris que eu vi têm duas cabeças, cada um com quatro olhos, dois na frente e dois atrás” (RAMOS, 1998, p. 128). Todos ficam aterrorizados com a diferença, Raimundo está com medo, mas Caralâmpia diz que eles eram diferentes, não perigosos. No Especial, há um canto e desenhos com Caralâmpia passando por essa terra diferente.

O Especial de Televisão mostra agora o encontro com a guariba cabeluda, que no conto ocorrera antes. Em ambas as obras, ela conta a história do menino transformado em passarinho e depois em mosquito, mas acaba dormindo antes de terminar a história. No Especial, Raimundo vê, pela luneta, o menino transformado em mosquito amolando a laranjeira e sendo capturado pelas aranhas.

No conto, Raimundo fala no seu desejo de voltar para sua terra. Todos pedem para ele ficar, ele diz que deve voltar para estudar sua lição de geografia. Fala da saudade que terá de tudo e de todos. A volta é tranqüila. Todos o levam até à serra de Taquaritu. Raimundo se despede, lembrando de tudo que passou em Tatipirum, desce a serra. “Agora Raimundo

estava no morro conhecido, perto da casa. Foi-se chegando, muito devagar. Atravessou o quintal, atravessou o jardim e pisou na calçada. As cigarras chiavam entre as folhas das árvores. E as crianças que embirravam com ele brincavam na rua” (RAMOS, 1998, p. 133).

A volta de Raimundo para Quadrangular é muitíssimo mais abundante no Especial de Televisão. Quando ele fala em voltar, todos vão tentar ajudá-lo a encontrar o caminho de volta. É difícil. Vão ter que ultrapassar um labirinto, com muitas perdas e muito medo. O espinheiro bravo, que no conto é apenas citado “como um tipo selvagem de maus bofes”, (RAMOS, 1998, p. 106), tem um desempenho espetacular no Especial, quando tenta sufocar e matar todos, no labirinto, mas é derrotado por Raimundo.

Resolvem construir uma pipa gigante, a aranha oferecendo a linha, a laranjeira os paus. Raimundo veste suas roupas originais, voa na pipa. Vê Tatipirum do alto. A corda rompe-se, Raimundo cai no espaço e é salvo pelo carro que vai reconduzi-lo de volta.

Há um canto sobre as diferenças e diversidades, com Raimundo voando no carro e outras imagens. Raimundo é lançado no ar, vai caindo e chega a Quadrangular. Encontra o tio Benjamim triste diante do cenário destruído, onde ele faria um show de mágica. O tio vai reclamar às autoridades contra a barbárie.

Raimundo reencontra Clara, fala-lhe sobre Tatipirum, resolve mostrar esse lugar mágico na reinauguração do coreto destruído. Conta à namoradinha sobre a princesa Caralâmpia. Quando o tio volta com as autoridades, encontra a maravilha que Raimundo havia montado: o cenário é Tatipirum, a Terra dos Meninos Pelados.

Os meninos tentam ofender Raimundo, ele se defende e desnorreia os meninos, que juram vingança.

Começa o espetáculo. O tio apresenta o mágico Magirus. Raimundo é chamado ao palco, os meninos atiram ovos nele. Ele os recolhe num chapéu e os transforma em pombinhas de várias cores. Raimundo fala que o segredo da magia é o segredo da vida e que a vida não tem segredo nenhum. Ele diz: “seja você mesmo e divirta-se”. Ele pega o chapéu e em seu fundo vê Caralâmpia. Raimundo ensina que há um lugar diferente, em que todas as diferenças podem sentir-se iguais.

O Especial de Televisão encerra-se com canto relembrando e mostrando tudo que se passou com os dizeres de encerramento.

A adaptação televisiva de *A Terra dos Meninos Pelados* do conto do mesmo nome de Graciliano Ramos foi muito criativa na introdução e na conclusão, ultrapassando inteiramente o texto literário. Essa adaptação, quando apresentou a visita de Raimundo à terra mágica de

Tatipirum foi muito fiel ao conto, visualizando o que esse narrou. Houve alguma transposição de lugares sem maiores conseqüências.

Os personagens são praticamente os mesmos, em ambas as criações. Na adaptação televisiva apareceu Clara, namoradinha de Raimundo, que não existe no conto. Nesse aparece um pardal que não existe no texto televisivo. A personagem Clara é essencial no Especial, o pardal é personagem bem secundária no conto.

Os cantos representados no Especial, criação de Lenine sobre a diversidade, entoados por cantores célebres, deram grande vivacidade ao espetáculo, atualizaram o conto, dentro da linguagem televisiva.

As imagens foram trabalhadas com primor, aquilo que Graciliano Ramos criou conceitualmente e que somente imaginávamos durante a leitura do conto, encarnam-se com o Especial de Televisão. Passamos a acompanhar Raimundo vendo com ele as maravilhas de Tatipirum.

Graciliano Ramos realiza literatura infantil fantástica, em *A Terra dos Meninos Pelados*, pois sua criação é a fusão da realidade ultrapassada pela supra-realidade, no sentido de libertar a criança como pessoa humana, como postula Jaqueline Held, em *O Imaginário no Poder* (HELD, 1980).

Ao mesmo tempo, *A Terra dos Meninos Pelados* não é literatura menor, é literatura do gabarito das obras de Graciliano Ramos para adultos. Essa obra leva em conta, naturalmente, o público infantil, mas com toda a dignidade de qualquer grande criação literária, como Regina Zilberman vem pedindo que se criem obras de literatura infantil (ZILBERMAN, 1987).

Podemos dizer que a criação televisiva, *A Terra dos Meninos Pelados*, foi tão digna como o texto literário que a inspirou, mostrando a grande maturidade alcançada pela televisão, que já demonstrou que pode também produzir obra de arte.

## Referências

BALOGH, Anna Maria. *Conjunções, Disjunções, Transmutações: da Literatura ao cinema e à TV*. São Paulo: AnnaBlume, 1996.

BESSA, Pedro Pires. *Loyola Brandão, a televisão na literatura*. Juiz de Fora: UFJF, 1988.

\_\_\_\_\_. *Literatura e Televisão em Mujeres de un solo Zarcillo*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ, 2000. Tese de Pós-Doutorado.

BRASIL, Assis. *Cinema e Literatura*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.

FUZELLIER, Étienne. *Cinéma et Littérature*. Paris: Editions du Cerf, 1964.

HELD, Jacqueline. *O Imaginário no Poder*. São Paulo: Summus, 1980.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *Da Literatura ao Cinema, Macunaíma*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.

JOHNSON, Randal. *Literatura e Cinema*. São Paulo: T A QUEIROZ Editor, 1982.

LEITÃO, Cláudio. *Líquido e incerto: memória e exílio em Graciliano Ramos*. Niterói, RJ: EdUFF, 2003.

NAGAMINI, Eliana. *Literatura, Televisão, Escola: estratégias para leitura de adaptações*. São Paulo: Cortez, 2003.

PENTEADO, Heloísa Dupas. *Televisão e Escola*. São Paulo: Cortez, 1991.

RAMOS, Graciliano. A Terra dos Meninos Pelados. In: \_\_\_\_\_. *Alexandre e Outros Heróis*. 38 ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.

\_\_\_\_\_. *São Bernardo*. Rio de Janeiro: Record, 1978b.

\_\_\_\_\_. *Vidas Secas*. Rio de Janeiro: Record, 1978a.

\_\_\_\_\_. *Infância*. São Paulo: Martins, 1974.

A TERRA dos Meninos Pelados. *Especial de Televisão*, Rio de Janeiro: Rede Globo de Televisão. 21 dez. 2003 a 11 jan. 2004, um capítulo por semana. A gravação desse especial, que será usada nesse trabalho, foi feita pelo autor dessa comunicação.

ZILBERMAN, Regina. *A Literatura Infantil na Escola*. São Paulo: Global, 1987.